

**INDICADORES DE SAÚDE DE DOCENTES DE EDUCAÇÃO ESPECIAL EM
UMA REGIÃO DA BAHIA*****HEALTH INDICATORS OF SPECIAL EDUCATION TEACHERS IN A
REGION OF BAHIA****Osni Oliveira Noberto da SILVA*

Doutor em Educação. Professor do Programa de Pós-Graduação em Educação e Diversidade do Departamento de Ciências Humanas, Campus IV, da Universidade do Estado da Bahia - UNEB.

 <https://orcid.org/0000-0001-5028-0889> |  osni_edfisica@yahoo.com.br

SILVA, Osni Oliveira Noberto da. *Indicadores de saúde de docentes de educação especial em uma região da Bahia*. Revista Diálogos e Perspectivas em Educação Especial, v. 11, n. 1, e0240001, 2024.

RESUMO: este artigo teve como objetivo apresentar indicadores de saúde dos professores de Educação Especial que atuam nas escolas municipais da região do Piemonte da Diamantina, estado da Bahia. O estudo contou com trinta e seis professores que responderam um questionário. O tema em questão trata sobre a saúde de professores de Educação Especial. De acordo com a Organização Internacional do Trabalho (OIT) os professores compõem a segunda categoria profissional que mais apresenta sintomas de doenças relacionadas a sua ocupação. Os resultados indicaram que os docentes em geral praticam exercícios físicos, principalmente a caminhada ou corrida ao ar livre; entretanto sentem dores na coluna ou nas articulações, mas consideram sua alimentação muito saudável. Assim, é imprescindível que mais estudos sejam produzidos acerca da temática das condições de saúde dos professores, principalmente aqueles que atuam com Educação Especial, nas outras cidades da Bahia e até de outros estados do Brasil.

PALAVRAS - CHAVE: Educação Especial. Condição docente. Saúde docente.

ABSTRACT: this paper aimed to present health indicators for Special Education teachers who work in municipal schools in the region of Piemonte da Diamantina, state of Bahia. The study included thirty-six teachers who answered a questionnaire. The theme in question deals with the health of Special Education teachers. According to the International Labor Organization (ILO), teachers make up the second professional category that most presents symptoms of illnesses related to their occupation. The results indicated that teachers in general practice physical exercises, especially walking or running outdoors; however, they feel pain in the spine or joints, but consider their diet to be very healthy. Thus, it is essential that more studies are produced on the topic of teachers' health conditions, especially those who work with Special Education, in other cities in Bahia and even in other states in Brazil.

KEYWORDS: Special Education. Teaching condition. Teachers health.

 <https://doi.org/10.36311/2358-8845.2024.v11n1.e0240001>



This is an open-access article distributed under the terms of the Creative Commons Attribution License.

INDICADORES DE SAÚDE DE DOCENTES DE EDUCAÇÃO ESPECIAL EM UMA REGIÃO DA BAHIA

HEALTH INDICATORS OF SPECIAL EDUCATION TEACHERS IN A REGION OF BAHIA

Osni Oliveira Noberto da SILVA¹

RESUMO: este artigo teve como objetivo apresentar indicadores de saúde dos professores de Educação Especial que atuam nas escolas municipais da região do Piemonte da Diamantina, estado da Bahia. O estudo contou com trinta e seis professores que responderam um questionário. O tema em questão trata sobre a saúde de professores de Educação Especial. De acordo com a Organização Internacional do Trabalho (OIT) os professores compõem a segunda categoria profissional que mais apresenta sintomas de doenças relacionadas a sua ocupação. Os resultados indicaram que os docentes em geral praticam exercícios físicos, principalmente a caminhada ou corrida ao ar livre; entretanto sentem dores na coluna ou nas articulações, mas consideram sua alimentação muito saudável. Assim, é imprescindível que mais estudos sejam produzidos acerca da temática das condições de saúde dos professores, principalmente aqueles que atuam com Educação Especial, nas outras cidades da Bahia e até de outros estados do Brasil.

PALAVRAS - CHAVE: Educação Especial. Condição docente. Saúde docente.

ABSTRACT: this paper aimed to present health indicators for Special Education teachers who work in municipal schools in the region of Piemonte da Diamantina, state of Bahia. The study included thirty-six teachers who answered a questionnaire. The theme in question deals with the health of Special Education teachers. According to the International Labor Organization (ILO), teachers make up the second professional category that most presents symptoms of illnesses related to their occupation. The results indicated that teachers in general practice physical exercises, especially walking or running outdoors; however, they feel pain in the spine or joints, but consider their diet to be very healthy. Thus, it is essential that more studies are produced on the topic of teachers' health conditions, especially those who work with Special Education, in other cities in Bahia and even in other states in Brazil.

KEYWORDS: Special Education. Teaching condition. Teachers health.

INTRODUÇÃO

Os dados do presente texto são parte integrante de pesquisa de Doutorado desenvolvido no Programa de Pós-graduação em Educação na Faculdade de Educação da

¹ Doutor em Educação. Professor do Programa de Pós-Graduação em Educação e Diversidade do Departamento de Ciências Humanas, Campus IV, da Universidade do Estado da Bahia - UNEB. E-mail: osni_edfisica@yahoo.com.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5028-0889>.

Universidade Federal da Bahia (PPGE/FACED/UFBA) e financiado através de bolsa oferecida pelo Programa de Apoio à Capacitação de Docentes (PAC-DT) da Universidade do Estado da Bahia (UNEB).

O tema em questão trata sobre a saúde de professores de Educação Especial. De acordo com a Organização Internacional do Trabalho (OIT) os professores compõem a segunda categoria profissional que mais apresenta sintomas de doenças relacionadas a sua ocupação (Tostes *et al.*, 2018). De acordo com Trindade e seus colaboradores (2018) a categoria dos professores também é considerada uma das mais suscetível a desenvolver transtornos mentais, em comparação com outras profissões, muito por causa das dificuldades inerentes ao trabalho docente.

Segundo Dohm *et al.* (2012) com o passar do tempo, o trabalho docente, que tradicionalmente sempre foi tido como uma atividade exigente do ponto de vista da saúde, passou a se tornar cada vez mais desgastante, muito por conta das alterações suas das condições de trabalho e do acúmulo de afazeres que provocaram na contemporaneidade uma série de transtornos físicos e mentais.

Estresse, ansiedade, fadiga, depressão, além de problemas de coluna e nas articulações são alguns dos acometimentos mais comuns que estão selecionados com a profissão docente na contemporaneidade e em vários países do mundo, empurrando também pelas alterações econômicas e as políticas de cunho neoliberal que cada vez mais avançam nas políticas educacionais dos países e tem no trabalho docente um de seus principais alvos (Tostes *et al.*, 2018).

De acordo com Sousa e Souza (2017), a precarização do trabalho docente e que acarreta nessas doenças é nomeado pela literatura atual como “mal-estar docente”. Ainda segundo os autores, a própria rotina de precarização a que os docentes são submetidos facilita na criação desse quadro. E ainda segundo os mesmos autores:

Os hábitos relacionados ao exercício docente, o de *passar muito tempo em pé*, o de *falar muito e quase sempre forçando a voz*, o de *não descansar no entre-turnos*, o de *não cuidar da postura do corpo ao ler ou escrever*, dentre outros, influenciam suas condições de saúde. Junte-se a isso a *falta de exercícios físicos*, *alimentação inadequada* e outras faltas de cuidado, e mais uma série de aspectos das condições de trabalho, como *infraestrutura inadequada*, *escassez de recursos didáticos*, *baixos salários*, *pouco ou nenhum reconhecimento do trabalho que realiza*, *preocupações com a família*, *indisciplina dos alunos* etc. Trata-se, portanto, de um conjunto, diversificado e amplo, de fatores que geram os processos de adoecimento (Sousa; Souza, 2017, p. 19).

Desse modo, autores como Dejours (1986) argumentam que se conhece a saúde tanto mental quanto física dos trabalhadores, a partir da análise de suas condições de trabalho. Dessa maneira é possível inferir que o mal-estar docente está também intimamente

relacionado ao conjunto de condições postas no âmbito político, social, cultural e individual que se inter-relacionam e influenciam diretamente na exposição aos reais riscos à saúde dos professores (Silva; Guillo, p. 14).

Neste caso, os professores de escolas públicas no Brasil, autores como Assunção e Oliveira (2009) argumentam que os comprometimentos na saúde dos professores impactam diretamente na queda da qualidade da educação e conseqüentemente no desenvolvimento humano e tecnológico do país.

Por se tratar de uma temática presente em diversos países, ainda que variando de um lugar para o outro em relação a sua gravidade, cada vez mais a saúde docente vem sendo pesquisado em diversas Universidades (Silva; Guillo, 2015; Eugênio *et al.*, 2017; Mota Júnior *et al.*, 2017; Silva; Miranda; Bordas, 2017, Freitas; Castro, 2018; Tostes *et al.*, 2018; Miranda; Bordas, 2018; Silva; Miranda; Bordas, 2019a; 2019b; 2019c; Araújo; Ramos; Silva; Souza, 2020).

Porém ainda é perceptível que a quantidade de estudos produzidos sobre a saúde docente é pequena em comparação com diversas pesquisas referentes a saúde de profissionais de outras áreas (Reis et al, 2006). Essa preocupação com a saúde dos professores está registrada inclusive em documento da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO):

En el campo de la educación estos estudios son recientes y escasos, entre otras razones porque históricamente la docencia se ha configurado como un apostolado, como un “servicio social” más que como un trabajo para el cual se requería de calificaciones, estándares de desempeño y procesos de evaluación. El concepto de profesionalidad del trabajo docente surge, relativamente, hace poco tiempo, en medio de los debates acerca de la calidad de la educación y su relación con el desarrollo ²(UNESCO, 2005, p. 15).

Além disso ainda são escassos estudos que analisem a saúde dos professores que atuam na Educação Especial, com alunos com deficiência e/ou necessidades educacionais especiais (Casagrande, Cruz, 2016; Santos, Wechsler, 2018), o que justifica a importância da presente pesquisa aqui apresentada. Diante disso, o presente artigo teve como objetivo apresentar alguns indicadores referentes as condições de saúde dos professores de Educação Especial que atuam nas escolas municipais da região do Piemonte da Diamantina, estado da Bahia.

² Tradução nossa: No campo da educação destes estudos são recentes e escasos, entre outras razões porque, historicamente, o ensino é definido como um apostolado, como um “serviço social” em vez de um trabalho para o qual foi exigido qualificações, padrões de desempenho e processos de avaliação. O conceito de profissionalismo no ensino emerge relativamente há pouco tempo, em meio a discussões sobre a qualidade da educação e sua relação com o desenvolvimento.

METODOLOGIA

O presente estudo foi desenvolvido tendo como lócus os nove municípios³ que compõem o território de identidade regional conhecido como Piemonte da Diamantina, estado da Bahia, tendo como sujeitos os docentes que no ano de 2017 tenham atuado nas salas de recursos multifuncionais com alunos com deficiência em escolas municipais tanto urbanas quanto rurais.

No que diz respeito ao tipo, a pesquisa pode ser compreendida como exploratória, já que ela tem como foco buscar uma maior proximidade com um problema visando assim torná-lo mais claro e/ou a partir dos dados levantados poder levantar hipóteses para novas investigações (Gil, 2010).

Deste modo, a coleta dos dados foi feita através de um questionário dotado de perguntas majoritariamente fechadas e com múltiplas alternativas para cada uma das questões, podendo assim favorecer a apreensão de dados dos sujeitos participantes, nesse caso, sobre a saúde dos professores e sua relação com as condições de trabalho.

O levantamento dos números de professores que se encaixavam nos critérios já apresentado foi feito juntamente com as secretarias de educação dos respectivos municípios. Assim, foi possível descobrir que quarenta e cinco docentes atendiam ao critério, sendo que trinta e seis aceitaram participar da pesquisa.

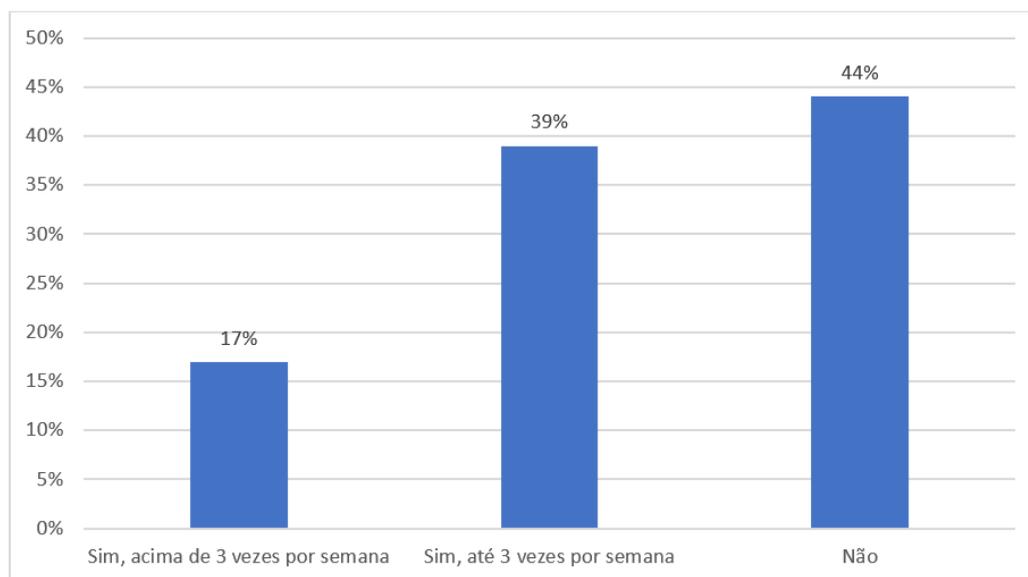
No intuito de seguir as normas éticas relacionadas a pesquisa com seres humanos, este estudo contou com a apresentação do termo de consentimento livre e esclarecido, além da submissão e consequente aprovação de projeto ao comitê de ética de Universidade do Estado da Bahia (CEP/UNEB), através do parecer nº 2532.689.

ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS

Antes de apresentar os dados coletados pelo questionário sobre a saúde docente, acreditamos ser necessário traçar um rápido perfil dos docentes. Dos 36 sujeitos participantes apenas um é do sexo masculino, com idades variando entre 26 a 57 anos e 62% deles tem acima de 15 anos de carreira como professor.

Deste modo, iniciando a análise dos dados coletados pelo questionário acerca da saúde dos professores, a primeira questão foi referente a prática de exercícios físicos. As opções marcadas ficaram entre: a) Sim, acima de três vezes por semana; b) Sim, até três vezes por semana; c) Não. Os dados foram compilados e estão apresentados no gráfico da figura 1 a seguir.

³ Os municípios são: Caém, Jacobina, Miguel Calmon, Mirangaba, Ourolândia, Saúde, Serrolândia, Umburanas e Várzea Nova.

Figura 1 – Porcentagem dos professores de Educação Especial que praticam exercício físico

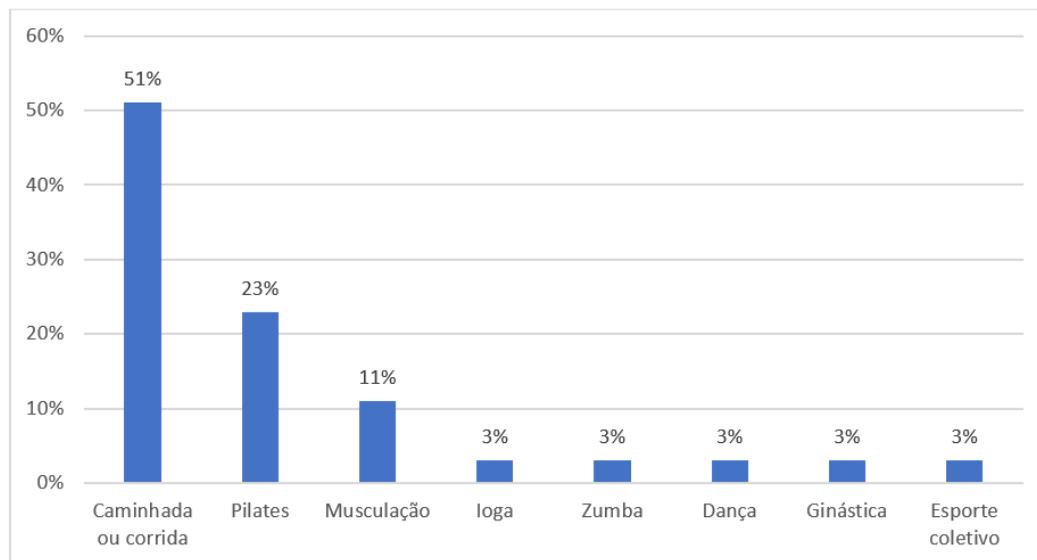
Fonte: Elaboração própria, 2020.

Os dados demonstram que 44% dos docentes que participaram do estudo assinalaram que não praticam nenhum tipo de exercício físico. Já 39% praticam algum tipo de exercício com uma frequência de até três vezes por semana. 17% dos sujeitos fazem exercício físico acima de três vezes por semana. De uma forma sintética é possível afirmar que 56% dos professores participantes do estudo praticam algum tipo de exercício físico regular.

A próxima questão visou identificar, dentre os docentes que praticam algum exercício físico, qual o tipo de atividades que eles praticam com frequência. De acordo com os dados 51% dos professores praticam caminhada ou corrida ao ar livre. Já 23% dos docentes fazem Pilates e 11% frequentam academias de ginástica para a prática da musculação. Outras atividades foram indicadas por 3% dos professores: Ioga, Dança, ginástica ou algum esporte coletivo.

Não foram encontrados estudos acerca da análise do exercício físico de professores que atuam com Educação Especial. Por isso, foi necessário fazer alguns paralelos com outros estudos, que tiveram como objeto de investigação, a prática de exercícios físicos dos professores que atuam nas salas regulares da Educação básica, afim de balizar a análise dos dados coletados.

Figura 2 – Distribuição dos tipos de exercício físico praticados pelos professores



Fonte: Elaboração própria, 2020.

O primeiro estudo foi o de Brito *et al.* (2012) que avaliaram o nível de atividade física de 1.681 professores da rede pública de ensino do estado de São Paulo – SP. O coeficiente de atividade física dos docentes investigados foi categorizado em baixo, moderado ou alto. Os resultados confirmam que a prevalência de atividade física dos professores no nível baixo foi de 46,3%, já o nível moderado foi de 42,7% e o nível alto foi de 11%.

Situação semelhante ocorreu no estudo de Santos (2014), que qualificou o nível de atividade física de trinta professores de uma escola estadual no município de Itaituba, no Pará. Os resultados indicaram uma preponderância de 66% de inatividade física entre os docentes, sendo que 23% foram classificados como “inativos”, 43% ficaram como “insuficientemente ativos”, 20% entraram na faixa daqueles considerados “ativos” e apenas 14% foram considerados como “muito ativos”.

Os resultados desses dois estudos, apesar de produzidos dentro de metodologias diferentes, contem aproximações que podem ser analisadas em paralelo aos achados de nosso estudo, no que diz respeito principalmente a pequena adesão dos professores a prática de exercícios físicos.

Em contraponto, existe a pesquisa de Santos e Marques (2013) que analisaram a condição de saúde de 414 docentes do município de Bagé, no estado do Rio Grande do Sul. Os resultados do estudo indicaram que a percepção de saúde dos professores foi considerada boa para 38,5% deles. Já 62,5% dos professores foram considerados “fisicamente ativos”,

32,3% estavam “acima do peso” e 14,4% já entravam na faixa daqueles considerados “obesos”. Os autores também observaram na dieta de 79,6% dos professores um baixo consumo de frutas e verduras.

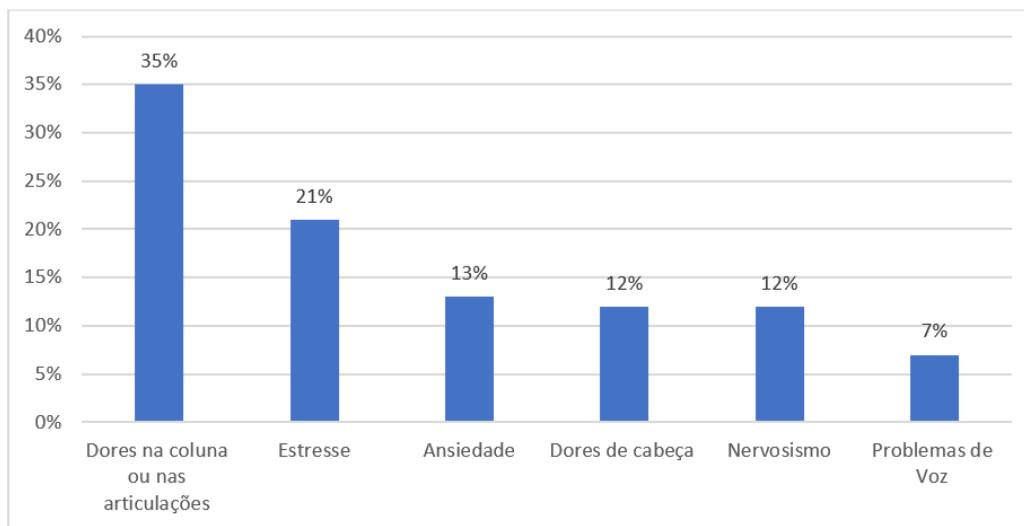
Conclusões parecidas foram encontradas por Sousa (2016), em seu estudo que investigou a prática de atividade física de quarenta e nove docentes de uma escola municipal na cidade de Campo Grande, no Mato Grosso do Sul. Os resultados indicaram que vinte e sete professores estavam na faixa daqueles considerados “ativos” ou “muito ativos”, onze estavam na faixa dos considerados como “sedentários” e onze foram classificados como “irregularmente ativos”.

Os estudos, analisados em paralelo com os dados observados em nossa pesquisa, foi possível inferir que a prática regular de atividade física ainda não é tida como um elemento importante para a vida de boa parte dos professores brasileiros. Essa é uma informação preocupante, pois de acordo com Faleiro *et al.* (2017) uma vida sedentária é um dos principais fatores de risco para o aparecimento de várias doenças crônicas degenerativas. E ainda segundo o mesmo autor:

Na sociedade contemporânea, o estilo de vida comumente adotado tem sido cada vez mais associado ao consumo de alimentos ricos em colesterol e outros lipídios. Associados ao sedentarismo, ao tabagismo e ao etilismo este estilo de vida determina prejuízos à saúde humana. Diversas doenças, tais como as dislipidemias, obesidade, diabetes mellitus (DM) e hipertensão arterial sistêmica (HAS) estão intimamente associadas ao estilo de vida adotado pelo indivíduo. Estas doenças podem, em conjunto ou isoladamente, contribuir para o desenvolvimento de doenças cardiovasculares (DCV). Dentre as DCV, os agravos que mais acometem a população são as doenças coronarianas, os acidentes vasculares encefálicos (AVE), a insuficiência cardíaca e doença reumática cardíaca (Faleiro *et al.*, 2017, p. 140).

Em seguida foi indagado aos professores, participantes do estudo, se sentiram algum sintoma físico ou mental decorrente do seu trabalho como professor de Educação Especial, especificamente nos últimos vinte e quatro meses. O questionário possuía algumas alternativas, mas foi dada a oportunidade dos docentes de falarem outros sintomas que não estavam inicialmente previstos. As respostas dos sujeitos foram agrupadas e apresentadas no gráfico da figura 3.

Figura 3 – Sintomas sentidos pelos docentes de Educação Especial por conta do trabalho



Fonte: Elaboração própria, 2020.

O sintoma mais citado pelos professores foram as dores na coluna ou nas articulações, com 35% das respostas. Em seguida ficaram o estresse com 21%. A ansiedade aparece com 13% das respostas dos professores. Dor de cabeça e nervosismos vêm em seguida, empatadas com 12% cada. Por fim 7% dos sujeitos indicaram possuir problemas de voz. Apesar dessas condições, somente dois docentes se afastaram por problemas de saúde nos últimos vinte e quatro meses, e ainda assim, somente um deles deixou claro que o afastamento foi relacionado com a sua atuação na Educação Especial.

Não foram encontrados estudos que tratam especificamente dos sintomas referentes as doenças que acometem os professores de Educação Especial. Entretanto, é possível fazer uma análise paralelamente com alguns outros estudos que se referem a sintomas e doenças em docentes que atuam na educação básica, demonstrando uma certa convergência no que diz respeito aos tipos e frequência dos diversos problemas de saúde que acometem essa categoria profissional.

Uma pesquisa realizada por Bastos (2009) que teve como objetivo investigar o mal-estar e adoecimento docente, através de uma entrevista semiestruturada aplicada a dez professores dos primeiros anos do ensino fundamental de algumas escolas publicadas do município de Betim, no estado de Minas Gerais. Os resultados do estudo demonstraram a existência de uma diversidade de sintomas e enfermidades como: estresse, quadros de depressão, choro compulsivo, cansaço extremo, dor de garganta e perda temporária da voz, entre outros quadros patológicos.

De acordo com o autor, a sobrecarga de trabalho decorrente da dupla jornada, grande quantidade de alunos por turma, baixo salário, pouca participação da família e problemas de relacionamento com a gestão, são alguns dos fatores que influenciam negativamente para este quadro de mal-estar docente.

No estudo de Pereira (2010), que analisou a saúde dos professores e a influência que essa situação exerce na piora das condições de trabalho. Ao aplicar um questionário a dezesseis docentes do ensino fundamental I da rede municipal de João Pessoa, estado do Piauí, foi possível observar que as queixas mais frequentes dos professores, acerca de sua saúde, foram referentes as dores de pescoço e parte superior das costas, com 38% dos professores, alergias com 30%, enfisema também com 30%, problemas auditivos com 28% e dores na lombar com 24%.

Já a pesquisa de Ferreira (2011) investigou as causas mais recorrentes do adoecimento mental dos professores, a partir de uma entrevista aplicada a vinte e seis docentes e quatro diretores de escolas de um município do interior de Minas Gerais, que não teve seu nome citado no estudo. Os resultados indicaram que uma boa parte dos professores adoeceram por conta das condições de trabalho. Porém alguns afirmaram que não pediam afastamento para cuidar da saúde, optando por continuar trabalhando apesar de já possuírem sintomas de mal-estar.

Os principais sintomas citados foram a depressão, o estresse, a fadiga e a síndrome de pânico. Entretanto ainda foram registrados também acometimento referentes a debilidades físicas, problemas posturais e de voz. As condições de trabalho ao qual os docentes estavam expostos foram identificados como os principais causadores de tais sintomas, especificamente no que diz respeito a excessiva carga horária, da violência física e psicológica sofrida pelos docentes e que ocorrem no ambiente escolar e a falta de envolvimento dos familiares com a educação dos seus filhos.

Outro estudo é o de Silva e Silva (2013), que investigou as condições de trabalho e saúde dos docentes que atuam na pré-escola, através de um questionário aplicado a centro e onze docente do sexo feminino de sessenta e duas escolas públicas do município de Pelotas, no Rio Grande do Sul.

Os resultados indicaram que 55% dos professores estão acima do peso, 12,6% deles fumam e 73% praticam pouco exercício físico. Em relação a sintomas, as maiores queixas foram direcionadas a dores na lombar, tórax, ombro e pescoço. Além disso, alguns professores apresentaram traços de transtorno mental.

A pesquisa de Silva e Grandi (2015) investigou os fatores de risco que influenciam no aparecimento de transtorno mental em professores, através de um questionário aplicado a 196 docentes de escolas municipais e 272 docentes de escolas estaduais, todos do ensino

fundamental I e II de, perfazendo um total de 468 sujeitos participantes. Os resultados indicaram uma alta prevalência de professores em risco de desenvolver um transtorno mental por conta de desgaste emocional e físico a que são continuamente submetidos em sua rotina de trabalho na escola.

Silva e Guillo (2015) realizaram um estudo com vinte professores, que atuam nas escolas da rede estadual de um município da região Sudoeste do estado de Goiás. Foi aplicado aos sujeitos participantes um formulário que continha uma listagem com as doenças mais comuns referentes ao trabalho docente, de modo que eles deveriam assinalar aquela(s) que já tinha(m) sido acometida(s).

Os resultados evidenciaram que o estresse foi a patologia mais assinala pelos docentes, com 70%, seguido dos problemas de voz com 55%. As doenças musculoesqueléticas, como a dor nas costas, pernas e braços foram citadas por 30% dos professores e também uma série de doenças de caráter emocional, como ansiedade e depressão e crises de pânico que foram indicados por 25% dos sujeitos.

A pesquisa ainda evidenciou que 55% dos professores não têm tempo para praticar algum tipo de exercício físico. Dos que afirmaram realizar, 40% falaram realizar raramente, 45% realizam frequentemente e apenas 15% afirmaram realizar atividade física de forma diária.

Ainda de acordo com os mesmos autores, foi possível observar que “as doenças citadas revelam uma estreita relação com a sobrecarga ocupacional de trabalho dos indivíduos, ou seja, com a condição de realização de seu trabalho” (Silva; Guillo, 2015, p. 11). Essa é uma ideia que também é compartilhada por outros autores, com Cruz et al (2010, p. 151) que explicam que:

As mudanças no mundo do trabalho provocadas pelo processo de globalização da economia, a sofisticação tecnológica, a decadência das relações humanas cooperativas que são substituídas por aspectos competitivos e de busca de recompensas extrínsecas ao próprio trabalho fazem surgir no trabalhador sentimento de insegurança, ansiedade e diminuição da auto-estima do indivíduo e de grupos sociais. Quando esses sentimentos são intensos e permanentes, e as características da função no trabalho também contribuem para a manutenção destas condições, o indivíduo apesar de tentar repetidamente soluções para essas questões, somado ao desgaste dos constantes fracassos, está vulnerável ao surgimento da síndrome de burnout. Esta síndrome é um agravamento à saúde predominantemente relacionado ao desgaste profissional na relação com o trabalho. (Cruz *et al.*, 2010, p. 155).

A pesquisa de Eugênio e seus colaboradores (2017), analisou a saúde e o adoecimento dos professores de um município do interior da Bahia, através da aplicação de um questionário a 53 docentes, sendo que 5 desses sujeitos também foram entrevistados. Foi observado que

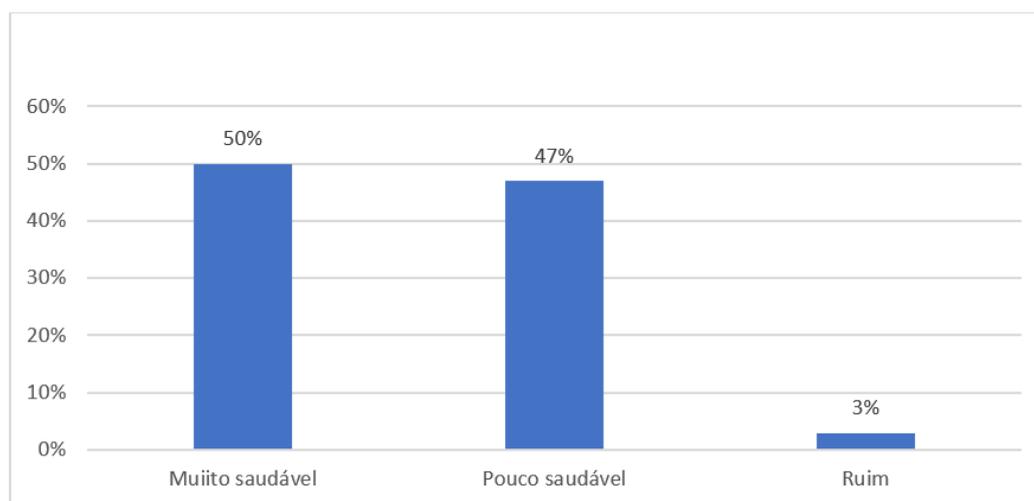
existe uma série de comprometimentos na saúde dos docentes, materializado por alguns sintomas, como problemas relacionados a voz, tendinite, bursite, estresse, angústia, desânimo entre outros.

As péssimas condições de trabalho observadas no referido, como a grande quantidade de alunos na mesma sala, além de barulho e poeira excessivos foram, segundo os autores, os principais causadores de muitos dos problemas de saúde dos docentes. Além disso, uma grande parcela dos professores, ainda que doentes, permanecem realizando seu trabalho, porém anseiam trocar de profissão por conta do ambiente pouco saudável em que seu trabalho é desenvolvido.

Outro estudo foi de Santos e Wanzinack (2017) que investigaram as condições de trabalho e saúde de 50 professores da rede pública do município de Matinhos, no estado do Paraná. O foco desse estudo ficou na análise da violência que os docentes enfrentam na sala de aula e a sua conseqüente influência nos problemas de saúde dos mesmos. No estudo foi observado um percentual de 62% de adoecimento e de 30% referente ao afastamento do trabalho decorrente de problemas de saúde.

Ainda no que se refere a saúde dos professores de Educação Especial do Piemonte da Diamantina, foi lhes solicitado uma avaliação acerca da sua própria alimentação. Os resultados indicam que 50% dos docentes consideram sua alimentação como “muito saudável”. Para 47% a própria alimentação pode ser considerada com “pouco saudável”. Apenas 3% dos sujeitos consideraram sua própria alimentação como sendo “ruim”. Os dados estão compilados e apresentados no gráfico da figura 4.

Figura 4 – Avaliação dos professores acerca de sua própria alimentação



Fonte: Elaboração própria, 2020.

Não foram encontrados estudos sobre a alimentação de professores de Educação Especial. Até no que se refere a docentes da educação básica os estudos são escassos. Apesar disso, os dados puderam ser analisados de forma paralela com a pesquisa de Gallina e seus colaboradores (2013) que buscaram identificar o hábito alimentar de 79 professores que atuavam em 27 escolas do município de Chapecó, no estado de Santa Catarina.

Os resultados demonstraram que os professores apresentam um baixo consumo de água, frutas, legumes e derivados do leite. Além disso, também foi possível observar a pouca frequência no consumo de alimentos pouco saudáveis, como doces, refrigerantes, biscoitos entre outros.

Outro estudo foi o de Braga e Paternez (2011), referente ao consumo alimentar de 57 docentes de uma instituição de ensino superior particular da cidade de São Paulo, foi observado que os professores avaliados tem dificuldade em manter uma alimentação saudável por conta do pouco tempo que tem à disposição para as refeições, haja vista que precisam se deslocar rapidamente para mais de um local de trabalho, o que faz com que eles prefiram comidas do tipo *fastfood*.

O estudo também detectou um excessivo consumo de carne vermelha pelos professores do sexo masculino, além de açúcares e gordura. Esse resultado indica que “o que se constitui motivo de preocupação, tendo em vista que a gordura eleva a densidade energética da dieta predispondo, assim, ao aparecimento da obesidade e de outras doenças associadas” (Braga; Paternez, 2011, p. 94).

Segundo Dias *et al.* (2020) a obesidade é um problema que vem atingindo níveis de epidemia ao redor do mundo, sendo atrelada a outras comorbidades, como as doenças crônico-degenerativas, além de atuar negativamente no psicológico das pessoas, tornando-se assim uma doença complexa (DIAS *et al.*, 2020).

De acordo com Reis *et al.* (2019) é possível observar que a maior quantidade de pessoas fora do considerado peso ideal, seja na magreza excessiva, quanto na obesidade, se relacionam tanto com a ingestão de alimentos não saudáveis quanto pela falta de atividade física.

Fazendo uma síntese dos dados emanados referentes a categoria da saúde docente, de forma geral, um pouco mais da metade dos docentes afirmam que praticam exercícios físicos regularmente, principalmente a caminhada ou corrida ao ar livre. Se por um lado a de se comemorar o fato de que 56% mantem uma vida ativa, é importante ter um alerta em relação aos outros 44% dos docentes que são sedentários, haja vista os problemas de saúde decorrente da falta de exercícios físicos.

No que diz respeito aos sintomas sentidos por causa do trabalho a maioria afirmou sentir dores na coluna ou nas articulações, seguido de estresse. Porém, dois professores apenas

solicitaram afastamento do trabalho para cuidar da saúde nos últimos 24 meses, sendo que somente uma delas afirmou que essa decisão foi pra tratar de problemas referente ao trabalho docente na Educação Especial.

Em relação a alimentação, exatamente a metade dos sujeitos participantes considerou que mantem uma alimentação saudável. Esse também pode ser considerado outro dado preocupante, já que atualmente a vida corrida dos grandes centros urbanos, que forçam os trabalhadores a comerem alimentos pouco saudáveis (porém rápidos), acabou por também chegar as cidades menores do interior.

Assim, é importante levar em consideração que a docência na inclusão de alunos com deficiência é uma tarefa complexa e essencial para garantir a igualdade de oportunidades educacionais a todos os estudantes, independentemente de suas necessidades, como explicado por Silva e Silva (2021):

(...) o termo inclusão, conceitualmente, vem assumindo uma função política mundial, cuja proposta social se constitui por um paradigma ético e estético que traduz a reivindicação histórica de anseios de movimentos sociais voltados aos direitos das pessoas com deficiência, movimentos estes que ganharam força na década de 1980, produzindo ressonâncias nos contextos acadêmicos, orientando políticas afirmativas que, por sua vez, forçaram o surgimento de legislações comprometidas com os direitos de cidadania das pessoas com deficiência. O paradigma de Inclusão, portanto, é o reconhecimento de que a deficiência não está centralizada na pessoa, mas sim, em uma sociedade que não consegue criar as condições necessárias para que seus cidadãos tenham o direito humano de acesso a todos os espaços em que a vida social acontece (Silva; Silva, 2021, p. 2).

Deste modo, a relação entre a especificidade dessa docência inclusiva e os dados apresentados sobre a saúde dos professores que atuam na Educação Especial nas escolas municipais da região do Piemonte da Diamantina revela um conjunto de desafios que afetam diretamente o bem-estar dos educadores. O estresse, a carga de trabalho intensa e os desafios emocionais podem levar a hábitos de vida menos saudáveis, como a falta de atividade física regular, uma alimentação inadequada e a necessidade de afastamentos devido ao esgotamento físico e emocional.

Diante dos desafios inerentes à docência na Educação Especial, é fundamental que os professores recebam suporte adequado por parte das instituições educacionais e das autoridades competentes. Isso inclui acesso a programas de formação contínua, apoio psicológico, estratégias de gerenciamento do estresse e reconhecimento pelo trabalho árduo e essencial que realizam.

Em resumo, a especificidade da docência na Educação Especial está profundamente relacionada às complexidades de atender às necessidades educacionais e emocionais diversas

de alunos com deficiências e dificuldades de aprendizagem. A saúde dos professores nesse contexto é impactada pelos desafios únicos que enfrentam, destacando a importância de estudos dessa natureza.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Retomamos aqui o objetivo do artigo que foi apresentar os indicadores referente as condições de saúde dos professores de Educação Especial que atuam nas escolas municipais da região do Piemonte da Diamantina, estado da Bahia.

Desta maneira, os dados deixam claro que a saúde dos professores que atuam Educação Especiais nas escolas municipais da região do Piemonte da Diamantina, precisam de atenção, principalmente no que diz respeito aos aspectos referentes a atividade física, afastamentos e alimentação.

O principal limitador da presente pesquisa diz respeito a escassez de outros estudos sobre saúde de professores de Educação Especial, especificamente aqueles que atuam com Atendimento Educacional Especializado, não permitindo assim que uma análise mais aprofundada pudesse ser feita, de maneira que foi necessário traçar um comparativo com outros estudos que se debruçaram sobre a saúde dos professores, ainda que aqueles das salas de aula regular.

Assim, é imprescindível que mais pesquisas sejam produzidas acerca da temática das condições de trabalho e sua influência na saúde dos professores, principalmente aqueles que atuam com a Educação Especial, tanto nas outras cidades da Bahia quanto de outros estados do Brasil.

REFERÊNCIAS

- ARAÚJO, Carolina Maia de; RAMOS, Michael Daian Pacheco; SILVA, Osni Oliveira Noberto da; SOUZA, Elizeu Clementino de. Condições de trabalho docente: uma análise sobre a remuneração salarial e satisfação com a carreira. **Cenas Educacionais**, v. 3, p. e9907, 2 nov. 2020.
- ASSUNÇÃO, Ada Ávila; OLIVEIRA, Dalila Andrade. Intensificação do trabalho e saúde dos professores. **Educação e Sociedade**. vol. 30, n. 107, pp. 349 372, maio/ago. 2009.
- BASTOS, Josane Aparecida Quintão Romero. **O mal-estar docente, o adoecimento e as condições de trabalho no exercício do magistério, no ensino fundamental de Betim/MG**. 2009, 149 p. Dissertação (Mestrado em Educação), Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Belo Horizonte.
- BRAGA, Milena Mendes; PATERNEZ, Ana Carolina Almada Colucci. Avaliação do consumo alimentar de professores de uma Universidade particular da cidade de São Paulo (SP). **Rev. Simbio-Logias**, v.4, n.6, Dez/ 2011.

- BRITO, Wellington Fabiano et al. Nível de atividade física em professores da rede estadual de ensino. **Rev. Saúde Pública**, São Paulo, v. 46, n. 1, p. 104-109, Feb. 2012.
- CASAGRANDE, Rosana de; CRUZ, Gilmar de Carvalho. Educação Especial e Atendimento Educacional Especializado: Contribuições Científicas de 2000 a 2010. **Revista Diálogos e Perspectivas em Educação Especial**, v.3, n.2, p. 95-110, Jul.-Dez., 2016.
- CRUZ, Roberto Moraes; LEMOS, Jadir Camargo; WELTER, Marisete M.; GUISSO, Luciane. Saúde docente, condições e carga de trabalho. **Revista Electrónica de Investigación y Docencia (REID)**, 4, Julio, 2010, p. 147-160.
- DEJOURS, Christophe. Por um novo conceito de saúde. **Revista Brasileira de Saúde Ocupacional**, Nº 54. vol. 14, abril a junho, 1986, p. 7-11.
- DIAS, Laylla Lucinda Lacerda et al. Avaliação nutricional em crianças de 0 a 10 anos. **Episteme Transversalis**, [S.l.], v. 11, n. 3, dez. 2020.
- DOHMS, Karina P.; LETTNIN, Carla; STOBÄUS, Claus Dieter; MOSQUERA, Juan José Mouriño. Mal/bem-estar docente em uma escola particular de Porto Alegre. **Anais do XVI ENDIPE - Encontro Nacional de Didática e Práticas de Ensino**, Unicamp, 2012.
- EUGÊNIO, Benedito; SOUZAS, Raquel; LAURO, Angela Dias Di. Trabalho e adoecimento do professor da educação básica no interior da Bahia. **Laplage em Revista** (Sorocaba), vol.3, n.2, mai.-ago. 2017, p.179-194
- FALEIRO, Rita de Cássia; QUARESMA, Reginaldo S.; SOUZA Welerson M. de; AQUINO, Evanirso da S. Avaliação do sedentarismo e risco de eventos cardiovasculares e sua correlação com o teste de caminhada de seis minutos. **Sinapse Múltipla**, 6(2), dez.,139-153, 2017.
- FERREIRA, Cristiane Magalhães. **Adoecimento psíquico de professores: Um estudo de caso sem escolas estaduais de educação básica numa cidade mineira**. Dissertação. Pedro Leopoldo, 2011. 87 p. (Mestrado Profissional em Administração). Faculdades Integradas de Pedro Leopoldo.
- FREITAS, Cinara Aline de; CASTRO, Ralph de. Saúde do professor: um olhar para o Brasil e para os servidores da rede municipal de ensino de Uberaba-MG. **Anais do XII Congresso Nacional de Educação (EDUCERE)**. Curitiba – PR. 2015.
- GALLINA, Luciara Souza; TEO, Carla Rosane Paz Arruda; SZINWELSKI, Nádia Kunkel; BOHRZ, Sofie; GRAHL, Fabiula; ALBANI, Géssica. Hábito alimentar do professor: importante elemento para a promoção da saúde no ambiente escolar. **Rev. Simbio-Logias**, V.6, n.9, Dez/2013.
- GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2010.
- MOTA JÚNIOR, Rômulo José; TAVARES, Débora Dornelas Ferreira; GOMES, Áurea Kelly Viana; OLIVEIRA, Renata Aparecida Rodrigues de; MARINS, João Carlos Bouzas. Nível de atividade física avaliado por dois instrumentos. **J. Phys. Educ.** v. 28, e2833, 2017.
- PEREIRA, Daniel Augusto de Moura. Condições de trabalho e efeitos sobre a saúde dos professores da rede municipal de ensino de João Pessoa – PB. **Anais do XXX Encontro Nacional de Engenharia de Produção**. São Carlos, SP, Brasil, 12 a15 de outubro de 2010.

- REIS, Eduardo José Farias Borges; ARAÚJO, Tânia Maria de; CARVALHO, Fernando Martins; BARBALHO, Leonardo; SILVA, Manuela Oliveira e. Docência e exaustão emocional. **Educ. Soc.**, Campinas, vol. 27, n. 94, p. 229-253, jan./abr. 2006.
- REIS, João Paulo L. S.; MARQUES, Pedro Henrique O.; COELHO, Raquel G. Autoanálise da alimentação e das atividades físicas de estudantes do primeiro ano do Centro Universitário de Barra do Piraí-RJ. **Episteme Transversalis**, [S.l.], v. 10, n. 2, ago. 2019.
- SANTOS, Marcio Antonio dos; WECHSLER, Solange Muglia. Análise da produção científica brasileira sobre pessoas com deficiência na última década. **Revista Diálogos e Perspectivas em Educação Especial**, v.5, n.2, p. 133-146, Jul.-Dez., 2018.
- SANTOS, Marcio Neres dos; MARQUES, Alexandre Carriconde. Condições de saúde, estilo de vida e características de trabalho de professores de uma cidade do sul do Brasil. **Ciência & Saúde Coletiva**, vol. 18, núm. 3, 2013, pp. 837-846.
- SANTOS, Josi Kelly Leite dos; WANZINACK, Clóvis. Saúde docente: um estudo de caso nas escolas municipais de ensino fundamental do município de matinhos – Paraná – Brasil. **Revista Electrónica de Investigación y Docencia (REID)**, 17, enero, 2017, 115-128.
- SILVA, Laíse Karine da; GRANDI, Ana Lúcia De. Adoecimento mental em docentes do ensino fundamental I e II. **Anais da V Jornada de Iniciação Científica da UENP**. Universidade Estadual do Norte do Paraná. Bandeirantes, 2015.
- SILVA, Regisnei Aparecido Oliveira; GUILLO, Lúdia Andreu. Trabalho docente e saúde: um estudo com professores da educação básica do sudoeste goiano. **Itinerarius Reflectionis**, v. 11, n. 2, 20 dez. 2015.
- SILVA, Osni Oliveira Noberto da; MIRANDA, Theresinha Guimarães; BORDAS, Miguel Angel Garcia. Trabalho docente e atendimento educacional especializado: uma análise da produção acadêmica no portal de teses e dissertações da CAPES - 2013 a 2016. **Revista da FAEEDA: Educação e Contemporaneidade** [online]. 2017, vol.26, n.50, pp.225-239.
- SILVA, Osni Oliveira Noberto da; MIRANDA, Theresinha Guimarães; BORDAS, Miguel Angel Garcia. Atendimento educacional especializado, sala de recursos e tecnologias assistivas: a tríade da educação inclusiva. **Poiésis** - Revista do Programa de Pós-Graduação em Educação (Unisul), v. 12, p. 267-281, 2018.
- SILVA, Osni Oliveira Noberto da; MIRANDA, Theresinha Guimarães; BORDAS, Miguel Angel Garcia. Condições de saúde dos professores de educação especial de Jacobina - Bahia. **Cenas Educacionais**, v. 2, n. 1, p. 64-80, 30 jun. 2019a.
- SILVA, Osni Oliveira Noberto da; MIRANDA, Theresinha Guimarães; BORDAS, Miguel Angel Garcia. n. 39 - CONDIÇÕES DE TRABALHO DOCENTE NO BRASIL: ENSAIO SOBRE A DESVALORIZAÇÃO NA EDUCAÇÃO BÁSICA. **Jornal de Políticas Educacionais**, [S.l.], v. 13, nov. 2019b.
- SILVA, Osni Oliveira Noberto da; RAMOS, Michael Daian Pacheco; MIRANDA, Theresinha Guimarães; BORDAS, Miguel Angel Garcia. Condições de trabalho docente: uma análise de revistas de educação da Bahia. **Revista Tempos e Espaços em Educação**, v. 12, n. 28, p. 233-248, 1 jan. 2019c.

SILVA, Dagmar de Mello e; SILVA, Leiliane Domingues da. Por que precisamos falar de inclusão? **Diálogos e Diversidade**, [S. l.], v. 1, p. e12460, 2021.

SILVA, Luciane Goulart da, SILVA, Marcelo Cozzensa da. Condições de trabalho e saúde de professores pré-escolares da rede pública de ensino de Pelotas, RS, Brasil. **Ciênc. Saúde coletiva**, Rio de Janeiro, v. 18, n. 11, p. 3137-3146, nov. 2013.

SOUSA, Rosiane Costa de. SOUZA, Elizeu Clementino. Adoecimento e condições de trabalho docente: narrativas (auto)biográficas e cuidados de si. **Revista del IIICE**, nº 41, Enero-junio, 2017.

SOUSA, Suziane Freitas de. **O bem-estar docente e a prática da atividade física: um estudo com professores de uma escola municipal de Campo Grande – MS**. 2016, 125 p. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Católica Dom Bosco. Campo Grande – MS.

TOSTES, Maiza Vaz; ALBUQUERQUE, Guilherme Souza Cavalcanti de; SILVA, Marcelo José de Souza; PETTERLE, Ricardo Rasmussen. Sofrimento mental de professores do ensino público. **Saúde debate**. Rio de Janeiro, v. 42, n. 116, p. 87-99, jan-mar 2018.

TRINDADE, Marcel de Almeida; MORCERF, Cely Carolyne Pontes; OLIVEIRA, Marinalva Santos de. Saúde mental do professor: uma revisão de literatura com relato de experiência. **Conecte-se! Revista Interdisciplinar de Extensão**. V. 2, n. 4. 2018.

UNESCO. **Condiciones de trabajo y salud docente**: estudios de casos em Argentina, Chile, Ecuador, México, Perú y Uruguay. Santiago de Chile: UNESCO-OREALC, 2005.